

50 CORPOS

RENATA MARINHO

50 Corpos

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.
Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Renata Marinho

ISBN: 978-65-602524-55

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Impresso no Brasil — 1a Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

M338

MARINHO, Renata

50 corpos / Renata Marinho. — 1. ed. — São Paulo: Faria e Silva, 2025.

320 p.; 14x21 cm.

1. Ficção brasileira — Século XXI. 2. Romance policial. 3. Suspense.

4. Crimes fictícios — Literatura. I. Título.

CDD: 869.35

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

50 CORPOS

RENATA MARINHO

FARIAESILVA
EDITORA

ANOSTRA

Cada um de nós é um universo.
Complexo, por vezes contraditório e ambíguo.
E que se revela nas suas escolhas, dúvidas e
imperfeições. Este livro é para aqueles que
encaram de frente a obscuridade do seu
próprio, desafiador e vazio,
universo particular.

ANOSTRA

PRÓLOGO

A SETE CHAVES

13 de novembro de 2023

Foram encontrados 50 corpos.

O cenário com que nos deparamos é assustador e ainda um mistério para a polícia. Entre as ossadas que revelam que muitos deles já estavam aqui há tempo, existem ainda corpos em decomposição.

Outros detalhes chamam atenção. As covas rasas são padronizadas, aparentemente todas do mesmo tamanho e distribuídas de 10 em 10, em cinco fileiras. Ainda é cedo para dizer se essas filas revelam mais do que uma simples posição aleatória de quem estava ali. Todos os restos mortais estavam na mesma posição, com o rosto ou o crânio em contato com a terra e os braços entreabertos. Nesse espaço, entre os braços e o corpo, alguns objetos foram cuidadosamente posicionados, possivelmente eram das vítimas, e poderão ajudar na identificação. E todos, sem exceção, vestiam apenas uma espécie de coleira de couro grossa, contendo um número, de 1 a 50, em uma placa de metal talhada a laser.

Não posso deixar de mencionar que a mata cerrada do sítio torna esse lugar ainda mais sombrio. Existe uma espécie de tensão no ar quase palpável. No chão de terra densa e escura, a polícia encontrou ainda vestígios de uma substância não identificada. Por ora, revelaram que se trata de um pó branco que estava espalhado no chão perto de algumas covas e em pequenos frascos de vidro posicionados ao lado do que seriam as ferramentas de trabalho da pessoa que arquitetou tudo isso.

É pouco provável que todos esses detalhes sejam meras coincidências. Se o criminoso realizava um ritual macabro ou é apenas metódico e perfeccionista, vamos descobrir. O fato é que próximo aos corpos que ainda estão em decomposição, foram encontrados também os ossos que foram retirados deles. Mais precisamente, as suas costelas foram arrancadas e, posteriormente, esses ossos das costelas cortados em pedaços menores. Uma faca de cutelo, cujo aço contém o dobro de carbono, tornando-a mais resistente que as facas convencionais, está coberta de sangue endurecido, escuro, acumulado.

Dois trituradores de ossos também foram recolhidos pela polícia: um elétrico, que estava com o interior vazio, e outro conhecido como modelo pilão, produzido em aço inoxidável e que é capaz de triturar ossos para serem utilizados inclusive em enxertos ósseos. Neste segundo, havia um osso triturado pela metade, o que revela que quem estava ali provavelmente foi interrompido antes de concluir a ação pretendida.

Todos estes vestígios chamam a atenção para a perversidade de quem realizava todo esse processo e que preferia fazê-lo de forma manual. Ao lado das ferramentas, dois panos pretos de aproximadamente dois metros cada um, abertos no chão, reúnem o que parece uma farinha não refinada. Esses panos, somados à faca e ao triturador, corroboram com a constatação de que tudo foi utilizado para esfarelar os pedaços dos esqueletos retirados.

Independentemente do que seja tudo isso que encontramos aqui, não tenho dúvida de que estamos diante de uma descoberta que pode mudar a vida de muitas famílias. Nunca é demais lembrar que cada uma dessas covas abriga uma história, trata-se de um corpo de um pai, uma mãe ou de um filho.

Quem são essas pessoas? Existe alguma relação entre elas? Como vieram parar aqui? Quem está por trás desse crime e talvez assassinatos? Como esses corpos não foram encontrados antes? Afinal, estamos falando de 50 covas preenchidas! Os exames de DNA e as investigações serão capazes de nos fornecer todas as respostas que ainda não temos.

Por ora, nos resta acompanhar de perto a evolução deste caso. Eu sou Alana Andrade e agradeço a sua audiência e companhia nesta manhã atípica de segunda-feira. Por aqui, no sítio Macatuba, a nossa equipe continuará atenta para poder levar até vocês, telespectadores, todas as informações e descobertas sobre esse incidente horripilante e repleto de mistérios. Continue agora com a sua programação local, e, na medida do possível, que todos nós tenhamos um bom dia.

ANOSTRA

PRIMEIRA PARTE

*Essa divisória que nos separa
do mistério das coisas a que
chamamos vida.*

Victor Hugo

1

ALANA ANDRADE

13 de novembro de 2023

O cheiro daquele lugar seria um problema. Assim que a câmera foi desligada e que Alana recebeu o sinal do cinegrafista indicando com o polegar direito que havia encerrado a transmissão, a ânsia de vômito dominou a jornalista. Precisou fechar os olhos por alguns longos segundos. Talvez o fato de não ver tudo que estava ao seu redor pudesse ajudar a enganar o seu olfato.

Ainda com o microfone posicionado rente ao peito e próximo à boca, só percebeu o quanto estava tensa quando sentiu incômodo no braço esticado e aparentemente petrificado naquela altura. Escutou o colega de trabalho dizer, em tom de brincadeira, que ela poderia sair dali e abandonar a postura ereta e rígida de repórter. “Nosso trabalho acabou, pelo menos por enquanto. Vai que a polícia descobre outros corpos enterrados. Imagina que história teríamos!”. Alana voltou à realidade, abriu os olhos. Esboçou um sorriso fraco em resposta que indicava que havia ouvido, mas não tinha a menor intenção de conversar e muito menos responder à altura a evidente empolgação do cinegrafista com o que encontraram.

Concentrou-se em controlar a respiração, a visão ainda turva e os sentidos aguçados por diferentes estímulos externos. Abaixou o microfone, deu passos curtos e devolveu o equipamento que estava com ela. Percebeu que havia recuperado o movimento voluntário das pernas. O “você está bem?” dele ficou sem resposta. Alana não estava, e muito provavelmente qualquer pessoa com o mínimo de humanidade, ali no seu lugar, também não estaria.

Ela apenas seguiu. Era boa nisso. Começou a se movimentar, precisava sair de perto das covas que estavam estrategicamente a poucos metros atrás dela para que pudessem aparecer de relance na cobertura que acabara de realizar.

Tudo naquele lugar era mórbido. Seria a composição de um ambiente natural perfeito para qualquer cenário de filme de terror. Não bastasse a quantidade de corpos encontrados, o cheiro impregnado de podridão que se misturava com o azedo marcante que saía de algumas covas específicas, provavelmente resultado do trabalho de bactérias e larvas que, na sequência, liberam gases e rompem a pele dos cadáveres, o dia ainda estava nublado e frio. Vez ou outra, o vento teimava em aparecer, espalhando o odor e alcançando até quem relutava em se aproximar das covas.

A previsão do tempo para aquele dia era de 16 graus, mas certamente a sensação térmica naquele momento era menor. Ou pelo menos para Alana, que, enquanto caminhava com a mesma velocidade de uma tartaruga e não conseguia controlar seu corpo que tremia, se perguntava se o cheiro da putrefação era incômodo para os demais ali também. Em uma análise rápida e desprezensiosa, olhou discretamente para os lados e percebeu que algumas pessoas riam, conversavam como se estivessem em qualquer outro lugar exercendo suas funções rotineiras. No fundo, era isso. Mas por que ela estava tão incomodada?

Sentiu um arrepio percorrer todo o seu corpo. A sensação durou mais do que ela gostaria e a deixou em estado de alerta.

Por mais que fosse acostumada a trabalhar em casos que envolvem mortes, violência e mistérios, Alana nunca tinha se acostumado. Não conseguia racionalizar ao ponto de encarar apenas como mais um dia de trabalho ou mais um caso bizarro. Para continuar, focava no fato de que acreditava que poderia ajudar outras pessoas. Que o que fazia era necessário, importante.

Conseguia obter respostas, escutava quem havia ficado e estava perdido. Chegou, em diferentes momentos, a prometer para si mesma que essa ou aquela seria a sua última cobertura. Mas, como um inseto voador busca encontrar uma luz para se orientar, iguais às mariposas, vaga-lumes, abelhas ou borboletas, Alana precisava enxergar um vestígio de claridade para continuar. Era também por ela.

Sempre que dava início a uma nova investigação ou matéria, não conseguia reduzir os acontecimentos a estatísticas, fontes ou relatos impessoais. Principalmente considerando as histórias que tinha acesso no exercício da sua profissão, olhava para cada um como indivíduo que, vivos ou mortos, foram violados, sofreram traumas, foram silenciados dentro de suas próprias existências.

Com a maturidade, sabia reconhecer o que lhe atormentava a mente. Os corpos encontrados hoje mexeram com ela porque mereciam ser depositados embaixo da terra, ou serem cremados, de forma a encerrar o ciclo da vida com o devido respeito também à morte. Muitos se esquecem da dignidade no fim. Mais do que isso. Alana não se conformava com a ideia de que os entes queridos daquelas pessoas não tiveram sequer a chance de saber onde eles estavam, o que havia acontecido com cada um deles.

Já distante das covas, sentiu-se pela primeira vez segura naquele lugar. Caminhou no sentido oposto à movimentação por cinco

minutos. Estava sozinha e foi abraçada pelo silêncio. Seu estômago parecia agradecer e, em retribuição, não ameaçou mais colocar para fora o café da manhã que havia engolido, às pressas, antes de sair.

Passou a analisar o novo cenário que se apresentava à sua frente. Foi possível notar que o sítio localizado no interior do Estado de São Paulo reunia as principais características do Cerrado Paulista. Em meio à vegetação densa de arbustos e gramíneas, as árvores baixas e com troncos tortuosos pareciam proteger de uma forma proposital aquele segredo há pouco revelado. Apesar de não ser nenhuma especialista, Alana foi capaz de identificar ainda algumas plantas. Os pés de pequi e de jatobá tentavam lutar contra aquele recorte sombrio e conferir algum vestígio de vida àquele lugar.

Embora a natureza tenda a prevalecer e até mesmo a se reconstruir quantas vezes for necessário, Alana sabia que a crueldade humana jamais deveria ser subestimada e que o ser humano buscava constantemente formas para se destacar, para imprimir sua marca. Para demonstrar seu domínio. Ela era a prova viva disso. Sentia, dia após dia, a dor dilacerante de quem precisa lidar com uma perda inexplicável e não concluída.

Por sorte ou azar, ser escalada para aquela cobertura era um encontro direto com o seu passado. E isso não poderia se tornar um problema para ela. Caso fosse, sabia que os produtores do jornal a substituiriam, redistribuindo as pautas para a equipe. O profissionalismo e a determinação de Alana eram características proporcionalmente marcantes à sua teimosia e curiosidade. Uma combinação de atributos particularmente desejáveis para a profissão que escolhera. O jornalismo investigativo tornou-se seu sopro de vida.

Quando precisou escolher, não teve a menor dúvida de que era a área em que gostaria de se especializar, e que buscaria um trabalho que fosse capaz de oferecer a ela a chance real de desvendar casos e,

quem sabe, ajudar as famílias das pessoas vítimas de crimes e que não recebiam a atenção devida da polícia, órgãos competentes e até mesmo de jornalistas que poderiam contribuir de alguma forma — nem que fosse cobrando quem deveria oferecer suporte nesses casos.

Em seu íntimo, não existia a pretensão de se tornar famosa ou de realizar a cobertura de grandes crimes, esses que são capazes de gerar notoriedade nacional e prender a atenção da população que, no geral, perplexa e curiosa, anseia pelo desenrolar dos fatos. Sua intenção era mais nobre e legítima: queria fazer por outras pessoas o que ninguém havia feito por ela.

2

Sua introspecção foi quebrada com a vibração do seu celular no bolso do blazer de linho preto que usava. Assim que retirou o aparelho e viu o nome de Roger na tela, sentiu um conforto inesperado, capaz de aliviar o aperto que sentia no peito. De alguma forma, ele sempre sabia o melhor momento para falar com ela. Geralmente, quando ela precisava dele.

— Espero que esteja me ligando para dar boas notícias, por aqui já temos mistérios e descobertas ruins o suficiente. — disse Alana quando atendeu, tentando não imprimir em sua voz sua preocupação e emoções à flor da pele.

— Não estou te ligando por causa do trabalho. — respondeu Roger de forma direta.

— Eu sei que não. Que bom que você ligou.

Roger sabia identificar quando ela abaixava a guarda. Alana deixou escapar um breve suspiro de alívio por estar falando com ele, que se misturou com um resquício de vento balançando as folhas das árvores à sua frente. Sons que não passaram despercebidos do outro lado da linha.

— Onde você está agora, Alana? Vi que saiu há pouco do ar... eu estava aqui pensando que talvez este caso não seja bom para você.

— pontuou Roger de forma afetuosa, tentando escolher as melhores palavras.

— Roger, para. — interveio Alana, não permitindo que ele continuasse a expressar sua preocupação.

Ambos se calaram. Houve um silêncio incômodo. Embora bem-intencionado e estratégico quando precisava ser, caso fosse invasivo ou ultrapassasse algum limite dela, a reação natural de Alana seria se fechar, como havia acontecido outras vezes durante o relacionamento deles e em tentativas frustradas de conversas mais profundas iniciadas por ele.

— Eu consigo. Não se preocupe comigo. — retomou a conversa.

— Não tenho dúvida disso. E você sabe que o ponto não é esse. A qual preço, Alana? Já conversamos sobre isso, eu sinceramente acho que...

— Roger. Agradeço sua preocupação, de verdade. Mas essa é uma decisão minha e não cabe a você ou qualquer outra pessoa dizer o que devo ou não fazer. Este caso não difere dos tantos outros que já trabalhei. Eu estou bem. Apenas me afastei um pouco dos demais jornalistas para respirar um pouco, se é que isso é possível aqui. — Alana tentou demonstrar o máximo de segurança e convicção na resposta. Deu um meio sorriso apagado, percebendo a ironia no que acabara de dizer.

Estava em um ambiente a céu aberto, em meio à natureza, e ainda assim sentia-se sufocada. Precisava convencer o namorado e a si mesma que tudo estava sob controle. Falar em voz alta poderia ajudar a encontrar o convencimento que desejava, por isso continuou.

— E olha, as coisas por aqui estão animadas. Também, não é para menos. Certamente teremos um longo período de trabalho e

investigações pela frente. Acho que este sítio tem muito mais a nos revelar. — Enquanto finalizava sua especulação, voltou a observar seu entorno com atenção. O barulho dos galhos balançando e dos bichos se tornara mais agudo.

— Ok, Alana. De qualquer forma, vou enviar uma nova equipe para o local, para que vocês possam retornar à capital hoje ainda e revezar na cobertura. Como você mencionou, estamos apenas no começo dessa história, e ela vai exigir dedicação de muitos do nosso time. — limitou-se a dizer, deixando transparecer sua frustração, mas compreendendo que não haveria espaço para uma negociação entre os dois e, principalmente, que ela já havia tomado sua decisão.

— Combinado. De qualquer forma, até que eles cheguem, vou continuar por aqui trabalhando. Qualquer novidade, eu te comunico. Vou ver o que mais consigo, se tenho acesso a mais algum detalhe ou informação com a polícia, algo que possamos divulgar ainda hoje.

— E você volta para a sede da TV para se encontrar comigo ou vai direto pra casa? — arriscou, tentando entender o que estava se passando dentro da cabeça dela. Roger não havia acreditado piamente em tudo que ouvira de Alana.

— Prefiro ir pra casa. Se tem uma coisa que é incontestável em casos assim é o esgotamento físico e psicológico. Preciso refletir, assimilar tudo que vi, colocar as ideias em ordem. — pontuou Alana com honestidade, revelando mais do que gostaria e o suficiente para que Roger confirmasse a sua intuição. Ela já estava envolvida.

— E você tem certeza de que quer ficar sozinha hoje? Se quiser, posso ir pra sua casa quando meu expediente acabar. — insistiu, agora com a voz mais suave e carregada de expectativa.

— Absoluta. Fiz várias anotações, tirei algumas fotos. Preciso pensar, relacionar todas as evidências encontradas aqui, buscar por

novas pistas, enfim. Algo me diz que esse caso é mais complexo do que imaginamos. Preciso encontrar algumas respostas...

— Sobre este caso ou sobre você? — ele não conseguiu se conter. Sua inquietação se materializou na pergunta feita.

Novo silêncio. Alana estava visualmente focada no vazio da mata, olhava para frente, mas enxergava apenas os seus sentimentos mais enraizados. Roger, por outro lado, sabia reconhecer, mesmo a quilômetros de distância, o quanto Alana já havia submergido, e isso o assustava. Seria impossível persuadi-la, não havia como voltar atrás. Agora, era uma questão de tempo.

— O vento está mais forte, Roger, estou com frio. Vou voltar para perto da equipe. — indicou que estava na hora de finalizar aquela conversa.

— Toma cuidado, Alana. Só não ultrapasse seus limites. Se precisar, me liga.

— Não vou fazer nada que me prejudique. Ou que influencie em nossa relação. Eu prometo.

Roger a amava. Por isso, tentava compreender suas motivações e o impacto do passado dela na relação deles. E, na maioria das vezes, se via diante de um imenso quebra-cabeça cujas peças teimavam em não se encaixar. A sensação dele, sobre ela, era que Alana havia se fundido a um casulo escuro, resistente e profundo. E, na maior parte do tempo, ela preferia ficar lá.

Depois de desligar e com o telefone ainda em mãos, Roger fixou o olhar no porta-retratos posicionado próximo ao seu notebook em sua mesa de trabalho. Embora pequeno, era confortável, o escritório destinado ao produtor na sede da TV em que ambos trabalhavam. Na imagem emoldurada por MDF em tom bege, ele e Alana estavam abraçados e sorridentes, sentados na área externa do Les Deux Magots, um dos cafés mais clássicos de Paris e que é frequentado por turistas

que, assim como eles, estavam em busca do tradicional chocolate quente acompanhado do famoso croque-monsieur, quiche lorraine e omelete truffée. Relembrar este dia era reconfortante para ele. Estavam felizes.

Roger, preso à imagem, só conseguia pensar se Alana a enxergava como ele a via. Uma mulher forte, que precisou aprender muito cedo a sobreviver, a se defender e a buscar o seu lugar no mundo. Aos 58 anos, para ele, ela era perfeita. As rugas e linhas de expressão presentes, de alguma forma, contribuíam para destacar o seu sorriso tímido e covinhas acentuadas. Seu rosto era arredondado na medida certa, e o cabelo loiro na altura dos ombros combinava harmonicamente com o resto.

Embora seu olhar fosse, na maior parte do tempo, distante e vazio, era também revelador. Alana tinha o que nem todos têm, uma espécie de abismo próprio. Ela mergulhava em si mesma com facilidade, recuava, se escondia. Mas também tinha a capacidade de se recompor, acreditar, de deixar os olhos e a alma expostos nos momentos em que se sentia segura. E eram eles, os seus olhos cor de mel, que diziam mais do que sua boca conseguia expressar.

E, apesar de não poder encará-los naquele momento, Roger sabia o que estava acontecendo. E Alana sabia que não cumpriria nenhuma das duas promessas.

À medida que a hora avançava e o dia caminhava para se tornar noite, o vento era implacável, mais intenso e gélido. Seu contato com o rosto de quem estava ali exposto a ele, nada delicado, era também um lembrete de que, para permanecer no sítio, seria preciso se preparar, não apenas psicologicamente. O movimento das folhas inquietas e das aves que pareciam querer acompanhar tudo de perto também aumentou.

— São Paulo é uma cidade mesmo imprevisível: em plena primavera, e do nada faz 13 graus à tarde. Não duvido que amanhã abra um sol daqueles que a gente sua só de imaginar. — Alana escutou o comentário vindo de alguém que não reconheceu e estava no meio da muvuca; uma aglomeração inusitada se formara no local.

— É incrível como experimentamos todas as estações do ano em um único dia. Eu não estava preparada para esse frio hoje — concordou uma segunda pessoa, dando continuidade ao assunto mais clichê e superficial possível entre pessoas desconhecidas que, por algum motivo, estão no mesmo lugar.

Alana preferiu se furtar de conversas triviais. Até reconheceu meia dúzia de profissionais que estavam ali e se limitou a fazer acenos

leves com a cabeça, em forma de cumprimento e educação. Era o máximo que ela podia entregar, e não se preocupou com isso. Tinha preocupações latentes em sua mente, e essas, sim, não permitiam que ela ficasse à margem da sua atenção.

Assim que retornou, ficou próxima ao isolamento da polícia, relativamente perto das covas. Enquanto fechava os botões do blazer até o último, lamentou não ter trazido uma peça mais quente ou, pelo menos, um cachecol. Juntou-se aos demais jornalistas; não tentou contar, mas chutaria que, naquele momento, algumas dezenas se reuniam ali.

Devido à sua experiência em casos de grande repercussão em que já trabalhara, ela sabia que era uma ótima oportunidade para trocar informações e até mesmo descobrir algo novo que algum colega de profissão deixasse escapar ou que alguém quisesse compartilhar com todos de propósito, no intuito de demonstrar que fora capaz de chegar a algum ponto interessante primeiro. Não era difícil encontrar jornalistas vaidosos no meio.

Com o tamanho e a rápida repercussão do caso, não era de se espantar com a adesão da imprensa em nível nacional. Além dos veículos que já estavam no local, não paravam de chegar novos carros e vans com logos de diferentes emissoras e jornais. Logo, algumas mesas simples de plástico brancas, modelo mais utilizado em bares ou recepções no geral, foram improvisadas para dar o mínimo de suporte a quem estava ali. Para alívio dos jornalistas, havia muitas garrafas de café.

As mesas foram posicionadas a uns 600 metros das covas e, a partir disso, a concentração passou a ser próxima a elas. Além de água, café e comida, o ar era razoavelmente mais agradável. Ainda assim, era impossível não sentir o odor que teimava em sair dos 50 buracos. É fato que, algumas horas depois, de uma forma estranha, as pessoas e

seus respectivos narizes pareciam mais adaptados, se é que essa palavra poderia ser usada naquele contexto. Era possível identificar ainda outro cheiro marcante, o de cigarro, que, em meio a tantos cheiros pungentes, talvez fosse o de menor incômodo, tamanho o caos da situação.

Enquanto procurava um copo plástico para colocar café, Alana se posicionou de propósito entre alguns grupos que tinham a mesma intenção que ela, pelo menos em relação à bebida. Pegou o copo lentamente e, com o mesmo senso de urgência, abriu o pacote de adoçante em pó, como se o tempo não fosse um problema. Abrir a garrafa e transferir o líquido de um recipiente para o outro ainda levaria algum tempo. Seus ouvidos estavam ativados, como verdadeiras antenas, focados em sua captação.

Havia certa agitação nas falas que saíam de todos os lados. O burburinho poderia atrapalhar; então, de forma automática, Alana passou a realizar um filtro e a descartar com rapidez comentários que não acrescentariam. Por outro lado, deu alguns passos para a direita, de forma discreta e despretensiosa para quem, porventura, estivesse observando a cena, com o intuito de se aproximar de três pessoas que, diferente dos demais, falavam mais baixo e conversavam apenas entre eles.

Fingiu que ia jogar fora a embalagem de adoçante na lixeira improvisada, que nada mais era do que um saco plástico preto no chão, e continuou misturando o seu café por ali mesmo, o mais próximo que conseguiu chegar do pequeno grupo.

Com a escuta atenta, começou a fazer suas anotações mentais. Achou melhor não pegar o celular ou bloco de notas, pois poderia chamar a atenção e até inibir o grupo que ainda não havia percebido a presença dela.